



Aaron Fischer

Carlos Sotto Mayor

Cap.9

Aaron Fischer

CAPÍTULO 9

PARAFERNALHA

Gent tinha orgulho de suas invenções. Via cada uma delas, por mais inúteis que fossem, como filhas. Voltar a ver a grande maioria, juntas na sua oficina, onde passara incontáveis horas criando e se divertindo, mais parecia uma reunião de família. A oficina, consistia em um grande galpão retangular, que também funcionava como depósito e ocupava a maior parte da Garagem do Morcegão, afinal, o seu intuito nunca fora ganhar dinheiro ali, e sim, criar e inventar, colocar sua genialidade em prática. Abrira a loja, pois precisava de uma fachada, e ele não podia negar que lhe dava muito prazer ver os rostos de admiração dos seus clientes quando viam suas criações.

Ele congelou, por um segundo, olhando ao redor, as prateleiras abarrotadas com suas máquinas, ele reconhecia cada uma delas e podia ver que já haviam sumido várias. Aquilo o inflamou.

Gent deixou sua emoção e admiração própria de lado, precisava focar no que viera buscar ali. Não tinham muito tempo. Ele correu, se movendo com certeza e precisão por entre as estantes, seu coração batendo mais forte ao perceber cada objeto que fora danificado, além, é claro, da própria corrida em si.

Ele precisava emagrecer e melhorar o seu condicionamento, batata frita e hambúrguer eram bons, mas ele precisava parar. A sua mente era estranha, saltando de um pensamento para outro como uma bola de pinball. Eram tantas informações que surgiam constantemente em seu cérebro, que ele sempre agradecia o fato de ser um gênio, ou já teria enlouquecido, apesar de que, talvez, se não fosse um gênio,

todas aquelas informações não surgiriam. O que veio primeiro, o ovo ou a galinha, não é mesmo?

Quando chegou em frente ao cofre, o lugar onde guardava as suas principais invenções, ele parou, sem saber se ria ou se chorava, o barulho da luta lá fora se intensificava, com explosões e gritos.

A esfera de três metros de diâmetro, que formava o pesado cofre, parcialmente enterrada no piso, para que não rolasse, tinha inúmeros sinais das tentativas de arrombamento, marcas de maçarico, explosão, impactos, mas ele continuava ali, firme, forte e inviolável. O brasão da família Storegeni, que ele forjara na porta do cofre, estava desgastado e dentado, mas ainda estava ali e isso lhe encheu de orgulho.

O cofre não parecia ter fechadura, se não fosse pelas ranhuras do desenho do escudo, ele pareceria ser uma esfera perfeita, forjada a partir de um único pedaço de ferro. Gent acionou a Gota, fazendo os quatro finos braços de metal, aparecerem ao seu lado, dois de cada lado, o código do cofre era simples, mas algo que apenas ele poderia saber: bastava passar um metal pelo alto relevo do escudo, seguindo o mesmo caminho com que ele o havia forjado ali, começando onde ele começara e terminando onde ele terminara.

Os seus braços autômatos funcionavam em uma mistura de runetec e o uso do seu próprio poder elemental, lhes dando uma eficiência e precisão sem igual. Em poucos segundos, Gent abriu o cofre, com um estalo, que já fora mais baixo e bem lubrificado, a grande porta circular começou a abrir lentamente, fazendo com que Gent se afastasse ansioso.

Quando o cofre finalmente se abriu, mostrando seu interior formado por três espaçosas prateleiras, onde caberia uma quantidade enorme

de coisas mas onde só estavam três sacos de veludo, dois maiores e um menor. Gent avançou para recuperar seus bens mais preciosos, suas três maiores invenções além da Gota, quando uma voz alta atrás dele o assustou, fazendo-o se sobressaltar e pular, se virando para encarar quem quer que fosse, seus braços abertos de forma protetora, se pondo entre ele e suas “crianças”.

— Vamos, me entregue o conteúdo do cofre!

O homem que Aaron havia lutado mais cedo, conseguira, de algum modo, chegar até ali. Gent não sabia quais poderes ele tinha, mas se conseguira despistar Aaron, ele não devia ser tão fraco assim. Mesmo que conseguisse derrotá-lo, isso levaria algum tempo, tempo este que eles não tinham.

Gent não queria entrar em combate, sabia que sua atuação neste tipo de situação era limitada. Precisava usar sua cabeça para sair dali o mais rápido possível, com o que viera buscar. Usando seu poder, ele utilizou a Gota, ainda presa a suas costas, para se levantar alguns poucos metros no ar, abrindo seus braços enquanto o fazia, no intuito de adotar uma posição intimidadora. Ainda com seu poder, ele fez a enorme quantidade de ferro ao redor do galpão tremer, emitindo um barulho enervante e amedrontador, aumentado ainda mais pelo eco do lugar:

— Você sabe quem eu sou? Eu sou o Morcegão em pessoa, eu criei isto tudo, você acha mesmo que alguém como você seria capaz de me enfrentar? – Gent manteve sua voz alta e imponente, se sobrepujando ao barulho dos metais colidindo um contra o outro. Ele podia não ter poder suficiente para lançar todos aqueles metais contra seu inimigo, mas com certeza, ele sabia fazer uma cena.

O homem deu um passo para trás, intimidado. Gent podia ver que o barulho o amedrontava, então o intensificou, diminuindo-o apenas para voltar a falar:

– Fuja e o deixarei viver. Não tenho prazer em matar ninguém! – Gent voltou a usar seu poder, escaneando os braços do homem, feitos de tecnologia biorúnica. Com um leve toque, ele desconectou alguns cabos no interior das próteses de metal, inutilizando-as.

O guarda deu um passo à frente, indignado com as palavras de Gent, se preparando para o ataque:

– Você acha mes... – Ele olhou para os braços, seus olhos se arregalando enquanto voltava a fitar Gent, poucos metros acima. Os finos braços de metal da Gota flutuando ao seu redor, lhe dando uma aparência alienígena e amedrontadora.

Em um esforço único, Gent fez todos os metais se chocarem de uma só vez, criando um barulho ensurdecedor, que assustou até a ele próprio por um segundo, mas fez o guarda pular para trás, agora tomado pelo medo.

– SEUS BRAÇOS ESTÃO INUTILIZADOS! FUJA OU ENCARE A FÚRIA DO MORCEGÃO! – Gent fez os metais se chocarem em uníssono novamente e o guarda partiu em disparada, sem sequer olhar para trás.

O garoto se deixou cair no chão, arfando com o esforço que acabara de fazer. Para ele, aquilo era quase como correr uma maratona. Ele ainda passou algum tempo recuperando o fôlego, as mãos apoiadas sobre o joelho. Primeiro veio o alívio, depois a gargalhada. Ele não acreditava que aquilo havia dado certo, mal podia esperar para contar para Aurea e Aaron.

Ele pegou os três sacos de veludo e os amarrou as suas costas, sobre a Gota, deixando no cofre, a carta que seu pai enviara e partiu logo em seguida, para se juntar a seus amigos, deixando a porta escancarada.

...

Aaron ouviu quando a massa de teia atingiu a perna da mulher misteriosa, colando-a a parede da loja ao lado, com um estalo de osso quebrado. Aquilo pegou Aurea e ele desprevenidos, a mulher surgira do nada, confiante, dizendo que fora enviada por Balor e Gennis. A sua velocidade e força se igualavam ao da mulher-aranha, e seu poder extremamente ofensivo aliado a ajuda dos garotos haviam mudado completamente o rumo da luta, com eles passando para o ataque.

A mulher-aranha recuou, seu semblante passando da confiança para a raiva, e foi aí que ela acionou o seu melhoramento biorúnico. As pontas de metal, das duas patas dianteiras, se dividiram em dois e um cano, feito do mesmo material, surgiu, por onde ela começou a atirar balas, um pouco maiores que ovos de galinha, feitas de teia de aranha. Quando atingiam o alvo, elas se espalhavam, grudando-se a tudo.

A Misteriosa estava agora presa a parede, com a sua perna direita fraturada, olhando surpresa. A mulher-aranha se moveu rápido, aproveitando o momento de distração para ganhar o terreno que havia perdido, parando em frente a Misteriosa com sua perna em meio ao ataque.

Aurea fora rápida o suficiente para criar um campo de força ao redor da mulher, a tempo de salvar sua vida, no entanto, fora obrigada a desfazer o campo de força que protegia a si mesma, criando uma abertura em sua defesa praticamente perfeita. Percebendo isso, a

mulher-aranha atirou, antes que Aurea pudesse fazer qualquer coisa, acertando-a com força no peito e a mandando voando para trás. Por sorte, o tiro na a prendera a nenhuma superfície, mas imobilizara seus braços junto a seu torso, como um colete.

Aaron viu Aurea passar ao seu lado, enquanto o campo de força que protegia a vida da Misteriosa se desfazia. Agindo por puro instinto, Aaron pulou, arremessando sua lança enquanto cobria a distância que o separava do inimigo. A lança se fincou onde a mulher-aranha estivera poucos segundos atrás, obrigando-a a recuar.

Ela voltou a atirar suas balas de teia na direção da Misteriosa, se movimentando na direção de Aurea, enquanto o fazia. A Misteriosa se viu sem opções, se uma daquelas balas acertasse seu rosto, tamparia suas vias respiratórias e ela estaria morta em pouco minutos. Deixando todo o seu peso sobre a perna já quebrada, ela se jogou de lado com um estalo ainda maior e um grito de dor, causado pela perna dobrado em um ângulo impossível, ainda presa a parede.

Os tiros atingiram o concreto, onde poucos segundos atrás estivera seu rosto e seu peito. Aaron avançou contra a mulher-aranha, precisava distrai-la, pelo menos até que Gent voltasse.

Ele conseguiu desviar de alguns tiros, assim como da primeira estocada desferida por uma das pernas, saltando para o lado direito, quase como um drible esportivo, pulando logo em seguida, para atingi-la no rosto. No entanto, antes que conseguisse sair muitos centímetros do chão, uma outra perna lhe acertou com um movimento circular bem nos joelhos, fazendo-o girar e cair de cara no chão, na frente da mulher-aranha.

Ele sentiu o sangue escorrer, o gosto férreo invadindo sua boca, mas

ele não tinha tempo para isso, sendo obrigado a rolar de lado, para evitar ser empalado por mais uma das pernas da mulher-mranha. Ele continuou girando, evitando mais um ataque, no entanto, no terceiro, foi obrigado a aparar o golpe, a poucos centímetros do seu rosto, a ponta de metal fazendo profundos cortes nas suas mãos.

Por puro instinto, ele conseguira parar o golpe mortal, por um segundo, tudo passou lentamente em sua cabeça, seus pensamentos clarearam, livres de toda a influência da adrenalina. Sua visão periférica via as outras patas avançando de todos os lados para lhe desferir um golpe mortal, se não fizesse nada, ele morreria ali mesmo, a certeza da morte lhe deu foco, a energia que sentira na Vila do Arpão, quando matara todos aqueles soldados, voltando a queimar dentro dele, aquela sensação inenarrável de poder lhe invadindo, seus braços sendo esmagados de dentro para fora.

Diante dos seus olhos, seus braços foram tomados pela armadura preta, desta vez, ela se estendia além, cobrindo seu peitoral. Ela parecia menos volumosa também, mais bem trabalhada, mais refinada. Em um giro rápido, ele atingiu a pata que o prendia no chão com seu braço direito, ameaçando o metal, enquanto girava seu corpo e se impulsionava para cima com o braço esquerdo, desviando do restante das patas e se pondo de pé.

Aproveitando o momento de confusão da mulher-mranha, Aaron segurou as duas patas frontais, que possuíam as armas lançadoras de teia, esmagando-as entre seus dedos, enquanto puxava seu o corpo inteiro contra o chão e pulava para se posicionar de frente para ela.

A mulher-mranha bateu sua parte humanoide com força no chão mas conseguiu se recuperar, se empurrando para longe de Aaron,

com suas outras patas. Ela olhava espantada para ele, como se visse uma assombração:

– Quem é você?

Aaron pensou no que dizer, a sensação de força e poder lhe dominavam, pedindo que ele dissesse algo irresponsável, cheio de soberba:

– Eu sou... – Antes que conseguisse finalizar as suas palavras, a sirene dos veículos da guarda da cidade invadiram a noite, se aproximando rapidamente.

Os dois se entreolharam por um segundo, sabendo que o final da sua luta teria que ficar para depois. Cada um foi para um lado, a mulher-mranha se utilizando do seu poder para escalar um prédio no outro lado da rua e desaparecer na noite, enquanto Aaron corria para recuperar sua lança, seus braços ainda cobertos pela armadura.

Com a lança, Aaron cortou a teia de aranha que prendia a perna da Misteriosa, colocando-a, desacordada em suas costas. Ele correu até Aurea, liberando-a da teia e a ajudando a se colocar em pé.

Assim que terminou, Gent apareceu na frente da Garagem do Morcegão, seu largo sorriso se tornando uma careta de preocupação diante do cenário de guerra a sua frente.

– O que houve?

– Temos que ir, a guarda da cidade está chegando, depois eu explico!

– Seu poder...

– PAREM! – O grito veio de cem metros atrás, na mesma rua, onde cinco guardas fardados nos uniformes vermelho escuros da Guarda

de Marabor, corriam até eles!

Aaron se virou, deixando a Misteriosa gentilmente no chão. A energia continuando a queimar dentro dele, a sensação de poder, de querer experimentar o quão poderoso ele era, o compelindo a atacar os guardas. Ele girou a lança em sua mão, em um movimento plástico, parando-a e se ponde em posição de ataque.

– Nós temos que ir Aaron! – Gent gritou para ele, mas ele o ignorou, mantendo-se em posição de luta.

Os guardas pararam a vinte metros deles, com o mesmo olhar de medo, admiração e incerteza da mulher-mranha. Eles olhavam fixo para seus braços e seu peitoral.

– Aaron, não é o momento. Nós temos que ir. – Aurea tinha urgência na voz, mesmo assim, para ele, era uma voz que acalmava.

Os soldados continuavam parados, suas mãos inquietas sobre as armas, seus semblantes nervosos.

– Eles viram a armadura...

– Não importa, eles não viram seu rosto... – Aurea, como sempre, estava certa.

Com relutância, Aaron se virou, colocando a Misteriosa nas suas costas.

– Eles vão nos perseguir.

– Deixa comigo! – Do seu cinto, Gent tirou uma pequena esfera de metal, com marcações rúnicas em sua superfície. Ele a energizou rapidamente e a arremessou, enquanto gritava: – CORRAM!!!

Os garotos partiram em disparada, fazendo com que os guardas finalmente entrassem em ação. No entanto, a esfera de Gent parou sua trajetória, flutuando a poucos metros do chão e emitindo um barulho agudo enquanto girava sobre sua própria órbita.

Uma enorme quantidade de objetos de metal de pequeno porte, passaram voando por eles, atraídos pela esfera. Para os garotos, que já haviam conseguido se distanciar, a quantidade de objetos que passava voando, assim como a atração a qualquer metal que estivessem carregando, era ínfima, no entanto, para os guardas, que estavam a menos de dois metros da criação de Gent, um turbilhão de utensílios de metal os atingia, moedas, facas, garfos, todos deixados para trás pela multidão que ocupava a rua, pouco antes dos garotos atacarem a Garagem do Morcegão.

Aaron ainda olhou para trás, maravilhado com o artefato, mas Gent continuou correndo e gritando:

— Não vai durar muito, eu não coloquei muita energia nele!

Os garotos continuaram em disparada, chegando até o morcecarro em poucos minutos. Gent tampou o bueiro, para que os soldados não os seguissem, e eles embarcaram no famigerado veículo de Gent, correndo de volta para a mansão dos Storegeni.

PARABÉNS

— Parabéns, garotos! Apesar dos pesares, vocês conseguiram. — Balor tinha um tom severo, como sempre, mas nem ele conseguia disfarçar completamente o orgulho na sua voz.

— Quase que não conseguimos. Um trabalho, que teoricamente era simples. — Aurea tinha um tom desanimado na voz. — Se não fosse a ajuda que vocês enviaram, nós não teríamos conseguido... por falar nisso, ela vai ficar bem?

— Não se preocupem, uma perna quebrada não é nada para Karab. E o mundo real é assim mesmo minha filha, os planos saem do controle e, de vez em quando, você é obrigado a improvisar. Tomem hoje como uma vitória, afinal de contas, Araquin, a mulher-aranha que vocês enfrentaram é a terceira em comando na organização do Momo, é alguém bastante perigoso, definitivamente além do nível de vocês. Conseguiram os seus objetivos e é isso que importa! Agora vão ver os ferimentos de vocês e depois direto para cama! Precisam descansar!

— Eles viram a minha armadura... — Aaron, assim com Aurea, não estava conseguindo enxergar aquilo como uma vitória completa e se viu obrigado a reafirmar aquele fato.

— Eu sei Aaron, mas eles não viram seu rosto. O rumor da volta do filho perdido do Lobo pode até funcionar em nosso favor. Não se incomode com isto! — Gennis o respondeu tranquilo, sua voz reconfortante. — Agora vão, vocês devem estar exaustos e precisam cuidar dos ferimentos!

...

Aaron, apesar de exausto, não conseguia dormir. Seu corpo pedia, mas seu cérebro simplesmente se recusava a desligar, revivendo os momentos de luta com excitação. Nem os fantasmas da Vila do Arpão vieram o incomodar, sua mente ainda formigava com aquela sensação de poder.

Ele se levantou, gostava de andar para pensar, então decidiu ir até a cozinha buscar algo para comer. A casa dos Storegeni era grande e bela, mas talvez, Aaron optasse por uma quantidade menor de artefatos decorativos, Aaron preferia espaços amplos e vazios. Ele observava tudo, enquanto caminhava tranquilamente, pelos corredores iluminados pelo Sol que já nascera. Devia ser oito horas da manhã, mas o lugar estava estranhamente calmo e silencioso.

Quando finalmente chegou à cozinha, foi surpreendido por Balor, sentado na mesa retangular de madeira, seus cabelos e barbas perfeitamente arrumados. No entanto, para surpresa de Aaron, ele vestia uma camisa branca de algodão e shorts vermelhos. Aquele traje dava a Balor um ar quase natural e leve, que não se encaixava no seu rosto duro e concentrado lendo o jornal do dia.

— Já está de pé? – Balor falou, o seu tom de voz tentava ser simpático, mas o volume pegou Aaron desprevenido, fazendo-o se sobressaltar levemente, o que arrancou algumas risadas baixas de Balor.

— Na verdade, General, eu nem dormi... – Aaron não entendia o porquê, e apesar do medo que tinha do pai de Aurea, ele achava fácil conversar com ele nos momentos mais amenos. O homem parecia interessado no que ele dizia, além disso, Aaron admirava o seu jeito direto e sem remorsos de ser.

– O que o perturba? – Balor baixou o jornal, para olhar para ele, que estava parado no meio da cozinha, agora, com vergonha de pedir algo aos funcionários da casa.

– Não é nada demais... – Talvez Balor, com todo seu poder, fosse a pessoa certa para tirar as suas dúvidas sobre o seu próprio poder. Que sensação era aquela que o tomava quando estava usando o poder da armadura, era como se ele não quisesse parar de lutar nunca mais, era inebriante. Além disso, porque as suas aptidões físicas aumentavam tanto, quando estava com a armadura, algo tão pesado deveria lhe deixar mais lento, sem falar em seu poder de cura. Seus ferimentos já estavam se fechando, mesmo só tendo passado algumas horas.

– Tem certeza, garoto? Apesar da fachada, eu posso ser um cara legal de conversar. – Ele deu uma mordida no pão com ovo que comia, uma xícara de café pela metade ainda fumegando, na sua frente.

Aaron ficou calado, olhando para ele, sua curiosidade lhe provocando, mas sua teimosia o impedindo de perguntar.

Balor continuou calado esperando uma resposta, dando uma nova mordida em seu pão, até perguntar:

– Quer algo para comer?

– O senhor dormiu aqui? – Aaron soltou a pergunta sem querer, seu tom de voz demonstrando a estranheza.

Balor pareceu desconcertado por um breve momento, antes de voltar a sorrir:

– Eu tenho uma casa aqui na capital também, mas para todos os

efeitos eu não estou em Marabor, então... – ele deu de ombros. – Além do que, facilita a comunicação.

– Entendi... eu não perguntei por mal, eu só... só estava curioso. – Foi a vez de Aaron se sentir um pouco embaraçado.

– Não tem problema, garoto. Sente, vou cozinhar um café da manhã para você, o melhor que você vai comer na vida! – Balor se levantou, terminando seu pão e pegando uma panela ao lado do fogão.

– Não General, não precisa, eu mes...

– Vamos garoto, aceite a gentileza, não é todo dia que você vai ter um general do Exército Imperial cozinhando para você. – Ele não olhou para Aaron, concentrado no que estava fazendo.

– Está... está bem então. – Aaron estava extremamente surpreso pelo gesto gentil e afável de Balor.

Aaron se sentou, tentando pensar em um assunto para puxar, antes que o silêncio ficasse estranho, mas nada vinha a sua mente a não ser as perguntas sobre seu poder, seu pai, sua mãe, então permaneceu calado, até Balor falar:

– Então, animado para a Prova dos Elementos? – Ele mantinha o tom casual.

Aaron deu de ombros, sem saber direito o que responder:

– Acho que sim... mais ansioso para começar meus treinamentos, na verdade.

– Tem razão... – Balor se virou, para lhe dar uma olhada rápida. – Nunca te explicaram nada sobre os poderes elementais, você nunca

teve um treinamento formal... Incrível, você deve ser um talento natural, como seu pai.

Aquilo despertou o interesse instantâneo de Aaron, a sua curiosidade grande demais para que ele se contivesse:

– O senhor chegou a conhecer meu pai? – Ele parou, pensando um pouco, afinal, se fora Balor quem o matara, ele o conhecera. – Quero dizer, conhecê-lo como pessoa, sabe?

Balor voltou a se virar para ele, dessa vez, mantendo seu olhar:

– Conheci sim, na verdade, ele foi meu superior direto, enquanto ele ainda era general do Exército Imperial e eu coronel...

– Entendi... – Tinha tanta coisa que Aaron queria perguntar, mas ele se controlou. Ele podia manter aquilo estritamente profissional. – Por que as pessoas têm tanto medo e reverência a esta armadura? Eu entendo o seu valor simbólico, mas o olhar nos olhos da mulher-aranha e dos guardas era diferente, algo além disso.

Balor continuou cozinhando em silêncio por algum tempo, antes de responder:

– Você está familiarizado com a classificação dos poderes elementais?

Aaron se esticou na cadeira, interessado pelo assunto:

– Nunca sequer ouvi falar.

– Vou te ensinar isso e vamos ver seu poder de dedução. – Balor colocou os ovos em um prato, enquanto tirava algumas fatias de pão assado do forno logo abaixo. Ele sentou-se na mesa, servindo o prato para Aaron, com ovos e tomates, uma fatia de um queijo

extremamente cremoso e o pão assado na manteiga. – Se quiser salsicha elas ainda estão quentes, naquela travessa ali... Agora, me passa esse papel e esse lápis, para eu fazer algo, enquanto você come.

O cheiro invadiu as narinas de Aaron, fazendo sua barriga roncar, o tomate assado com ervas, faziam sua boca salivar. Ele não conseguia se acostumar com toda aquela abundância, além disso, ele não podia negar, que o gesto de Balor cozinhar para ele, havia mexido com algo em seu interior. A única pessoa que cozinhou para ele até aquele momento, em toda sua vida, fora Jonas, o homem que ele considerava seu pai, o homem que era seu pai.

Aaron passou o papel e o lápis que Balor pedira, aproveitando para adicionar as salsichas em seu prato. Ele deu a primeira garfada, se maravilhando com a explosão de sabores em sua boca, partindo para a segunda garfada, antes de terminar a primeira:

– Então... comnfbo é a classificanzamnf...

– Calma garoto, a comida não vai fugir não. Coma e depois fale, é feio falar de boca cheia. – Balor o cortou, rindo um pouco.

Aaron parou, um pouco envergonhado. Engoliu a comida antes de voltar a falar:

– General, parabéns! Eu tenho que admitir que esta comida está boa demais! – Aaron sorriu, sem saber direito se aquela era a atitude certa.

– Eu disse, que seria a melhor comida da sua vida! – Balor tinha um sorriso orgulhoso.

– Está no top cinco, sem dúvidas!! – Os dois riram e Aaron aproveitou

o momento para falar dos poderes elementais, com medo de que o homem mais velho esquecesse o assunto. – Então, como é essa classificação que o senhor falou?

– Calma garoto, deixa eu acabar aqui o meu organograma. Vai ficar mais fácil de explicar. Curta o seu café da manhã um pouco, aprecie a vista! – Balor apontou para as janelas, do lado direito, sem tirar os olhos do papel.

Aaron parou, uma sensação boa lhe invadindo, algo reconfortante que não sentia faz tempo. Pássaros voavam na linha das janelas, pássaros grandes e belos, que ele nunca vira. Havia tanta coisa sobre a qual ele não sabia naquele mundo novo, que era quase como se fossem dois planetas, o mundo Elemental e o mundo Comum.

Ele acabou de comer e se recostou na cadeira, satisfeito com a boa refeição. Ele via alguns funcionários passarem, pela cozinha, lhes desejando um bom dia e continuando com seus afazeres.

– Então, acabou de comer? – Balor parou de desenhar olhando para ele, com um olhar interessado.

– Acabei sim! De novo, obrigado, General, estava fantástico!

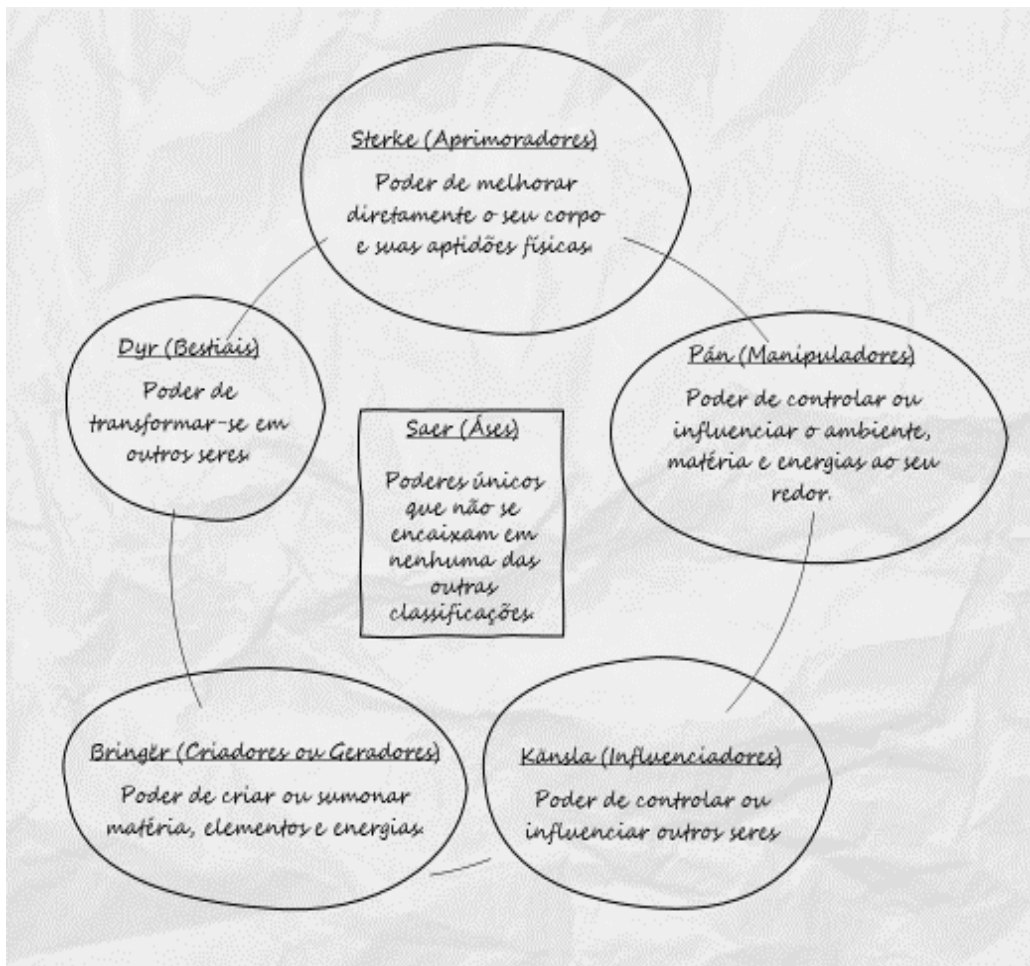
– Não há de que, garoto! Existem outras utilidades para o fogo, além de queimar pessoas! – Balor riu sozinho da sua piada, forçando algumas risadas sem jeito em Aaron. – Agora vamos lá! Em quais dessas categorias, você acha que seu poder se encaixa?

Balor passou o papel onde estivera escrevendo para Aaron, que lhe perguntou antes de analisá-lo:

– O que é isso?

— Essas são as categorias em que os estudiosos do Sjä́l, dividiram os poderes elementais, para facilitar a compreensão e o estudo. Existe um teste, que as crianças mais novas fazem nas escolas preparatórias para determinar a natureza do seu Sjä́l, mas como nós sabemos que você herdou o poder do seu pai, não acho que vamos precisar fazê-lo!... Então, em qual categoria você acha que está?

Aaron olhou para baixo, levando algum tempo para ler cada um dos seis balões atentamente.



— Acredito que eu seria um aprimorador... – Aaron passou algum tempo lendo, quebrando a cabeça, mas a escolha óbvia era aquela.

— Faz sentido, mas não é. – Balor parecia um pouco decepcionado.

Aaron se recostou na cadeira, um pouco frustrado. Se aquela não era a resposta, ele não tinha ideia de qual fosse.

– Qual é então?

– Me corrija se eu estiver errado, mas a sua força e agilidade, que já são grandes, sofrem um aumento vertiginoso quando você usa o poder da armadura. Além disso, seus pensamentos ficam mais claros e rápidos, você consegue analisar as lutas melhor. Para completar, mesmo sem a armadura, você tem um talento indescritível para qualquer tipo de arte marcial, você poderia se considerado facilmente um gênio, sem falar no seu fator de cura.

Aaron apenas confirmou com a cabeça, um pouco impressionado com a leitura de Balor, no entanto, talvez, ele soubesse de tudo aquilo por causa do seu pai.

– Então... parte dessas características se encaixam como um aprimorador, outras não.

– A pessoa pode pertencer a mais de uma classificação então?

– Pode, eu, por exemplo, sou um gerador e um manipulador. Posso gerar e manipular o fogo, além de ter força e agilidades aumentados. Alguns ainda inventaram nomes para as misturas entre as classes de poder, mas costuma-se classificar o seu poder por sua faceta mais relevante e poderosa, então, na verdade, eu sou considerado um Bringër.

– Então piorou minha situação... na minha cabeça só me vejo como um aprimorador.

– Vamos garoto, pense. Por que a armadura lhe daria tantos upgrades?

Se você fosse apenas um aprimorador, ela só protegeria seu corpo, funcionaria como uma armadura normal.

Aaron parou, voltando a analisar o papel por algum tempo:

– Eu sou um Bringër como você então? Consigo produzir uma armadura especial de algum tipo? – Aaron falou esperançoso.

– Foi um chute melhor, mas ainda não... – Balor coçou a barba, pensando um pouco no que poderia dizer para ajudar Aaron. – ... você está certo sobre a armadura, ela é especial, mas você não a conjura. Se você não conjura, você se... – Balor moveu as mãos esperando que Aaron completasse seu pensamento, mas ele apenas continuou a encará-lo, com uma expressão de quem estava perdido no rosto, fazendo o general perder um pouco a paciência. – ... A garoto, não é possível, se você não a conjura você se transforma!

Aaron continuou a olhar para ele sem entender:

– Então eu sou um ás?

Balor jogou as mãos para cima, meio se divertindo, meio sem paciência:

– Nãoo Aaron, você é um bestial!!

– Bestial? Mas qual animal tem uma armadura? Desculpa, mas não estou entendendo mais nada!

O general soltou um riso, voltando a se divertir com a situação e a confusão de Aaron.

– Você está certo, talvez eu não tenha sido tão claro... Enquanto o poder de noventa e cinco por cento da classe bestial é sim se transformar em animais, na descrição que eu coloquei aí no papel,

não está “animais” e sim “seres” ... – Balor voltou a coçar a barba, pensando. -...Você tem um dos poderes mais raros que existe, você é um bestial quimérico.

– Bestial quimérico... – Aaron ainda tentava entender, já começando a se sentir um pouco burro, mas Balor não fez menção de reclamar de novo, apenas continuando sua longa explicação.

– Os bestiais quiméricos têm o poder de se transformar em seres míticos ou rúnicos, mas você está dentro dos um por cento dos bestiais quiméricos que têm a habilidade de se transformar em deidades. Você, garoto, é o bestial do deus da guerra. – Balor falou aquilo com solenidade e um sorriso no rosto, esperando a reação de Aaron, que continuou um pouco confuso, tentando entender o conceito.

– Como assim deus da guerra, que deus da guerra?

– O Deus da guerra, garoto. Ele está presente em todas as culturas, desde a antiguidade, muito antes do cataclismo. Já foi chamado de Ares, de Marte, já foi considerado um cavaleiro do apocalipse e outras inúmeras coisas e nomes. Seu poder é a personificação da guerra e lhe dá várias outras habilidades além das suas aptidões físicas, você só tem que descobri-las.

– Então eu tenho o poder de um deus... – Aaron tentava processar aquela informação, as peças agora se encaixando e fazendo sentido. -...por isso que todos estão atrás de mim?

– Calma lá garoto, não é para tanto... – Balor voltou a coçar sua barba. -... digamos que seu poder seria a faceta do poder de um deus, uma parte daquele poder. Apesar do seu pai ter sido um elemental nível

deus, um dos mais poderosos que já pisaram na Terra.

– General, me desculpe, mas o senhor não é bom de explicar as coisas... Afinal, eu tenho ou não o poder de um deus?

– Não tem garoto, mas pode chegar perto de ter. O que chamamos de elemental nível deus é só uma das classificações inventadas pelos homens para dividir os elementais em níveis de força. No entanto, não significa, por exemplo, que eu, ou qualquer outro elemental nível deus, tenhamos o nível de poder de um deus verdade. Entendeu?

– Acho que sim... – Aaron finalmente começava a compreender o que Balor estava dizendo. – ... quais são os outros níveis de poder, além do nível deus?

– São cinco, e dentro destas classificações existem rankings, mas nós costumamos dividir sucessivamente em: deus, mítico, soberano, militar e peão... Não devem ter mais de dez ou quinze elementais nível deus no império hoje, vinte ou trinta míticos e, a partir daí, os números aumentam bastante.

Aaron gostara de todas aquelas classificações, por algum motivo era prazeroso encaixar as pessoas em categorias, pelo menos seus poderes... tornava mais fácil analisá-los.

– Em que ranking o senhor diria que estou agora? – Àquela pergunta lhe ocorreu no momento. Quão poderoso ele era?

Balor riu de leve, se divertindo com a expressão no rosto de Aaron.

– Um peão de ranking alto, talvez um militar de ranking baixo, não sei, mas algo por aí.

Aaron murchou com a resposta. Todo aquele enaltecimento, de deus da guerra inflara seu ego instantaneamente, o fizera pensar que talvez não estivesse tão longe de conseguir sua vingança, mas se era apenas um peão, demoraria anos para conseguir chegar ao nível que precisava e ele não podia esperar tanto tempo.

– Mas tem algo que você precisa tomar cuidado Aaron. Existe uma parte obscura em seu poder, o amor pela guerra pode tomá-lo, se transformar em vício...

– Como assim?! – Aaron sabia a resposta para aquela pergunta, ele já a sentira inúmeras vezes.

– É difícil de explicar, e agora nós não temos tempo para isso. Prometo que conversaremos mais sobre isso depois. – Balor parou olhando para o relógio na parede atrás dele. – Eles devem chegar dentro de duas horas. Vá acordar o Gent e diga para ele colocar uma roupa arrumada, enquanto isso eu vou acordar a Aurea.

Balor se levantou, passando por Aaron sem repetir suas palavras, claramente acostumado a ter suas ordens obedecidas prontamente e sem nenhum questionamento.

– Quem são “eles”? – Aaron apressou o passo, para conseguir chegar até Balor.

– A nova integrante do seu grupo e o avô dela. – Balor respondeu aquilo como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, apesar dele e Gennis não terem comentado nada sobre o assunto, pelo menos não com Aaron. – Mais alguma pergunta? – Ele levantou a sobrancelha, já se virando para partir.

– Sim, uma última coisa. Por que chamavam meu pai de Lobo?

O general se virou para ele, com simpatia em seu olhar.

— Porque, quando ele estava usando seu poder ao máximo, com a armadura completa, o seu elmo tomava a forma da cabeça de um Lobo... – Balor se demorou, seus olhos se desfocando, como se aquela memória ainda ardesse em sua mente. – Aqueles olhos... tenho que admitir que era algo assustador de se ver. Agora vamos garoto, estamos atrasados!

O NORTE

Acordar Gent foi mais difícil do que ele esperara, o garoto dormia como uma pedra. Mas depois de muito esforço ele conseguiu arrastar um Gent confuso e irritado até a sala principal da mansão dos Storegeni a tempo.

Gennis, Balor e Aurea já os esperavam, com Balor visivelmente irritado, em seu uniforme do Exército Imperial, ao lado de Gennis, vestido em um blazer branco de linho, sobre uma camisa azul marinho e calças brancas também de linho, perfeitas para o dia ensolarado de verão, que fazia. Já Aurea, vestia uma camisa sem mangas, colorida, sobre uma saia branca rendada, que deixava seus joelhos à mostra.

Gent e Aaron se apressaram, ambos vestindo calças azul escuro e camisas cinza e preta, respectivamente. Os garotos só perceberam as duas outras pessoas na sala quando terminaram de descer as escadas, pois estavam escondidas pela grossa pilastra de mármore, que formava o quadrado de sustentação do teto abaulado do salão principal.

— Ah, finalmente chegaram. Aaron e Gent, quero que vocês conheçam o rei Volfric, de Vahala e sua neta, Kvin. — Gennis falou tranquilo, se antecipando a Balor, que parecia prestes a lhes dar uma bronca.

Os garotos cumprimentaram os convidados um pouco sem jeito, enquanto se desculpavam pelo atraso. O título de rei, pegou Aaron um pouco desprevenido, mas não pareceu intimidar Gent. O rei era um homem gigante, com mais de dois metros e meio de altura,

seu tipo físico lembrou a Aaron o Moe da taverna, só que ainda maior, com sua barriga protuberante e braços fortes, fazendo-o se perguntar por onde o ruivo andava. No entanto, diferentemente do taverneiro, o cabelo de Volfric era extremamente branco, assim como sua longa barba, fazendo seus olhos cor de gelo brilharem ainda mais intensamente. Ele vestia um pesado casaco de couro marrom, quase vermelho, com um cachecol de pele lhe caindo sobre os ombros, calças feitas do mesmo material e pesadas botas de neve completavam a vestimenta.

Sua neta, Kvin, tinha grandes olhos azuis escuros, que lembravam a Aaron os mares gélidos do Norte, apesar de nunca os ter visto, apenas ouvira as histórias. A sua pele era branca como a neve, contrastando pouco com seu cabelo liso e loiro, sua beleza era quase élfica, e ao mesmo tempo selvagem. Ela estava vestida em uma camisa branca, com uma pele similar à do seu avô sobre os ombros e uma calça de couro cru clara, com desenhos detalhados e primitivos. A garota era grande, mais alta do que Aaron, alguns bons centímetros, e mesmo sob toda aquela roupa, podia-se notar que era forte.

A dupla não se parecia nada com a imagem que qualquer pessoa teria de uma família real, suas feições não eram as feições de alguém que crescera no luxo, seu jeito apesar de orgulhoso, tinha a humildade e a raiva trazida pelas dificuldades, além disso, estavam sozinhos os dois, sem mais nenhum guarda ou comitiva. Aaron nunca ouvira falar do reino de Valhala, mas não parecia ser um reino abastado.

— Nós firmamos uma aliança com o rei Volfric, e gostaríamos que vocês recebessem de braços abertos Kvin em seu grupo para a Prova dos Elementos! – Era claro, pelo tom de voz de Balor, que aquilo era apenas uma formalidade, como um pai que vai deixar o filho na casa

do amigo da escola.

– Finalmente uma garota! – Aurea comemorou brincando, tentando quebrar o gelo.

– Mas como ela poderá participar conosco se a prova é dividida entre os impérios e reinos, ela não teria que participar pela prova dos elementos de Valhala? – Gent como sempre, falara sem pensar, se apercebendo da grosseria assim que terminara.

Gennis olhou para ele com um olhar de desaprovação, constrangido, tentando formular uma resposta, assim como Balor, que parecia um peixe abrindo e fechando a boca.

Mas o rei Volfric riu, se divertindo com a situação, antes de responder:

– Apesar de ser minha neta, Kvin nasceu e cresceu no Império de Taur, ela é uma cidadã do Império, assim como sua mãe. – Sua voz era grossa, mas mais leve do que Aaron esperara.

Gent apenas assentiu com a cabeça concordando, apesar daquela resposta levantar uma série de outras perguntas.

– Agora porque vocês não vão mostrar a Kvin a casa e se conhecer melhor, enquanto nós conversamos um pouco? – Gennis sugeriu aquilo como uma ordem, que os garotos obedeceram sem pestanejar.

Assim que saíram do cômodo, Aaron virou-se para seus amigos:

– Que acham de irmos até o jardim? Lá Gent pode explicar a Kvin as táticas que ele elaborou para a prova e podemos nos conhecer melhor, afinal a prova já é amanhã! – Aaron estava animado, finalmente começaria a tão falada Prova dos Elementos, finalmente ele poderia

começar a trilhar o seu caminho de vingança.

...

Gent foi o primeiro a acordar, deixando todo o material que iriam levar separado e acordando os outros logo em seguida. Antes de dormir, Aaron e Gent haviam conversado bastante sobre Kvin, ambos concordavam que ela parecia ser uma pessoa sensacional, apesar de um pouco tímida. Gent havia se tornado seu maior fã e não conseguia parar de falar na garota a todo momento que os dois garotos ficavam sozinhos, o que fez Aaron começar a tirar um leve sarro dele.

O seu poder era incrível e ela parecia ser treinada em batalha, mas nem Gent conseguira negar que o fato de sua pele liberar um frio constante poderia ser um grande problema durante a prova.

Como Kvin explicara, ela não tinha total controle sobre seu poder, por isso, sua pele parecia gelo ao toque e o ambiente ao seu redor esfriava a temperaturas negativas sem que ela percebesse. Se se concentrasse, ela conseguia evitar congelar tudo ao seu redor, no entanto, quando estava dormindo, por exemplo, podia perder o controle sem querer.

Quando chegaram a sala, as garotas, assim como Gennis e Balor já os esperavam. Eles engoliram a elaborada refeição às pressas e partiram para o porto, onde deveriam pegar o navio pertencente a Escola para Elementais Lysmor, que os levaria até a Prova dos Elementos e, caso fossem aprovados, até a própria escola.

O filho do Lobo estava se sentindo estranhamente calmo, apesar do sentimento de que aquele teste iria mudar a sua vida drasticamente. Aurea parecia calma como sempre e tinha seu costumeiro brilho

confiante nos olhos dourados. Já Gent parecia que não ia se conter de tanta ansiedade, falando ainda mais do que o normal, se é que aquilo era possível, enquanto Kvin mantinha seu rosto sem demonstrar muitas emoções.

A quantidade de elementais no porto fluvial de Marabor já era grande, apesar de ainda ser cedo. O porto caíra em desuso desde a chegada das ferrovias rúnicas, transportando agora muitos passageiros em viagens turísticas ou de passeio. O ambiente era bonito, encrustado na floresta que cercava a cidade, as margens do rio Tâminu. Vários galpões construídos de acordo com a arquitetura de seus donos, mas todos belos e bem mantidos, se estendiam pela margem, ligados por vias de paralelepípedo para os veículos e de pedras e grama para as pessoas. Muitos dos elementais que ali estavam tinham seus poderes aparentes e isso ainda fascinava Aaron, como em todas as vezes que havia visto uma multidão de elementais.

Muitos dos jovens vestiam a farda da escola, um terno azul marinho com o escudo bordado no peito, um farol cilíndrico, com um olho humano no lugar da luz, iluminando tudo ao seu redor. Botões prateados, marcados com o mesmo escudo, juntos com uma gravata azul clara e uma camisa social branca completavam o fardamento. Esses já eram alunos da escola e andavam confiantes no meio das pessoas.

Gennis os guiou pelo belo porto, até o terminal pertencente a Escola para Elementais de Lysmor, o terminal cinco. Ele ficava em um saguão afastado do porto e possuía um estilo diferente, mais austero. Ele era feito de maciças pedras cor de chumbo, construídas em uma arquitetura xamânica, com imensos arcos e trepadeiras presas a construção, dando ao lugar uma sensação de serenidade, aumentada

pelo Sol da manhã entrando pelo grande vão que dava para as docas.

Algumas estátuas de criaturas míticas podiam ser vistas ao longo das paredes como se vigiassem o lugar, além de desenhos de cenas da natureza gravados nas pedras do chão. Uma pequena fonte de água, feita da mesma pedra, ocupava o seu centro.

Aaron e os outros pararam por um momento para apreciar a beleza e a serenidade do lugar, enquanto Gennis tentava arrastá-los em direção ao grande vão do outro lado do saguão.

– Vamos!

– Espera um pouco pai...

Gennis se deteu, virando para olhar para eles:

– Eu não sei o que esse lugar tem... sinceramente vocês estão lembrando a mim mesmo antes do teste, a única diferença é que eu estava um pouco mais nervoso do que vocês. – O homem mais rico do império tinha um sorriso orgulhoso no rosto.

– Fala sério Gennis, você estava morrendo de medo, isso sim! – Balor o repreendeu rindo. – Animados para o teste, ou com medo como meu amigo aqui estava?

Gent foi o primeiro a responder e parecia que ia sair voando pela sala:

– Eu estou animado demais! – Gent basicamente pulava no mesmo lugar, de tanta energia.

– Eu também! – Aurea respondeu confiante como sempre.

Aaron e Kvin ficaram calados, apenas acenando com a cabeça.

– É isso garotos, esse é o espírito! Daqui há pouco Lynt deve convidar todos os inscritos para embarcarem.

– Quem é Lynt? – Como sempre Aaron tinha dúvidas e Gent as respondia.

– Lynt Fylt, coordenador dos testes de admissão para Lysmor, um elemental relativamente poderoso, mas que ficou famoso por sempre coordenar a Prova dos Elementos do Império de Taur!

– Exatamente ele! – Quando o General Balor acabou de falar, os grandes alto-falantes colocados nas quinas das paredes emitiram um chiado e depois uma voz séria, que Aaron imaginou ser do tal Lynt:

– Sejam muito bem-vindos, concorrentes. Eu sou Lynt Fylt, coordenador da Prova dos Elementos, e convido todos a começarem um embarque ordenado no nosso navio para Escola para Elementais de Lysmor, o Gulltop. Pedimos que embarquem pela porta de embarque devida, elas estarão divididas por ordem alfabética e são fáceis de reconhecer. É só lerem as letras destacadas em cada uma das entradas. Uma vez dentro do navio, é só procurar um dos nossos monitores que eles dirão o que têm que fazer. Dentro do navio explicarei como e onde ocorrerá a prova de vocês, mas posso adiantar uma coisa: esse ano temos novidades! Nos vemos daqui a pouco.

O filho do Lobo não havia percebido até aquele momento, mas não havia mais nenhum aluno de farda no saguão, o que significava que eles já haviam embarcado.

Todos que estavam ali eram seus concorrentes e já começavam a se movimentar para entrar no navio, mas antes que os garotos

fizessem o mesmo, Gennis e Balor chamaram seus filhos para uma conversa particular, deixando Aaron e Kvin olhando um para o outro sem jeito. O rei Volfric retornara para seu país no mesmo dia que chegara à mansão dos Storegeni, afirmando que a viagem era longa e precisava retornar o quanto antes.

Aurea tinha um olhar preocupado enquanto conversava com o pai e parecia insistir em alguma coisa, enquanto Gent gesticulava animadamente para Gennis. Aquelas cenas o fizeram lembrar de Jonas e do quanto sentia sua falta, mesmo ele tendo escondido tantas coisas de Aaron, ele não conseguia sentir raiva, apenas saudade. As lembranças que ele havia colocado para o fundo da sua memória durante todo aquele tempo começaram a voltar aos poucos. Seus momentos felizes na aldeia, seu pai, seus amigos... Aquilo tudo parecia tão longe naquele momento e mesmo assim tão presente na dor que sentia no peito.

Aurea e Gent deram um abraço apertado em seus respectivos pais e os quatro voltaram em direção a Kvin e Aaron, que mal podia esperar para ver o Gulltop por completo. Diziam que era o maior navio do mundo possuidor de beleza e estrutura incomparáveis.

Os garotos começaram a andar em direção ao vão do saguão que dava para as docas, por onde podia-se ver parte do enorme navio da escola, quando o General Balor segurou Aaron pelo ombro e falou:

— Garoto, eu decidi confiar em você, porque senti algo bom, porque sei que podemos fazer algo grande juntos, mas prove que eu estava errado, traia de qualquer maneira aqueles dois e eu garanto a você que eu mesmo o matarei.

Aaron sentia o calor e pressão do poder de Balor, como ele sempre

sentia quando o general o ameaçava, algo esmagador, grandioso, no entanto, ele o olhou com confiança nos olhos:

– O senhor pode ter uma certeza sobre mim, dentro de tudo que sou, a única coisa que eu tenho certeza é de que não sou um traidor.

– O general sustentou seu olhar por algum tempo e então falou:

– Continue me provando isso então, garoto. – Se Aaron não conhecesse Balor direito, ele poderia jurar que ouvira orgulho em sua voz.

– Vamos Aaron! – Gent estava ansioso para partir!

– Estou indo!

– Vai lá garoto, e boa sorte!

Quando finalmente saiu do saguão, teve que colocar a mão na frente do rosto para proteger seus olhos do Sol e conseguir ver por completo o gigantesco navio de cinco mastros com suas velas recolhidas, ancorado nas docas, balançando levemente ao sabor do rio. Ele era feito de uma madeira escura e grossa. Uma faixa de prata percorria toda a extensão do casco, que era completamente entalhado e trabalhado, com a imagem de incontáveis animais e plantas, dragões, harpias, elefantes, coelhos, leões, mantícoras, era como se o próprio navio fosse uma obra de arte e um ecossistema ao mesmo tempo. A faixa ia da popa até a proa, onde estava encrustado uma imensa imagem em ouro maciço de Gulltop, figura que dava nome ao navio, uma espécie de cavalo rúnico, dourado, com a habilidade de voar a grandes velocidades, mesmo sem asas, dono de uma grande força e agilidade, capaz de carregar toneladas, sobre suas seis patas.

Segundo Gent, a embarcação possuía 70 metros de altura acima da linha de flutuação, 56 de largura e 155 de comprimento, sendo o

maior navio do Império.

Aaron estava sem palavras para o Gulltop. Não parecia com algo que o homem fosse capaz de criar. A embarcação era movida por um complexo sistema de velas, presas aos cinco mastros.

O filho do Lobo tentava digerir aquela imagem enquanto andava em direção ao seu portão de embarque e Gent dava ainda mais detalhes sobre o navio.

O embarque foi tranquilo, os quatro estavam no mesmo grupo de letras, de A até K, então embarcaram juntos. Dois garotos vestidos no uniforme completo da escola, e aparentando serem um pouco mais velhos que eles, os abordaram na entrada do grande salão de recepção do navio, que possuía um interior austero com quadros representando elementais renomados e cenas famosas da história pendurados nas paredes de madeira. O chão era coberto por um tapete azul e a iluminação era garantida por belos lustres em forma de galhos de árvore que saíam do teto e pareciam ter crescido da madeira. Uma grande escada que dava acesso a todos os andares do navio ficava na parte central, encostada na parede do lado direito de quem olhava para dentro do salão.

Os dois garotos mais velhos se aproximaram:

— Bom dia pessoal, eu sou Thierry Lacrot, um dos alunos-oficiais da escola. – Thierry era um jovem negro, alto e magro, com o rosto fino e um nariz pontudo. A sua farda estava mal ajustada, a gravata aberta e o cabelo no estilo blackpower. Ele tinha um jeito tranquilo com que Aaron simpatizou imediatamente.

— E eu sou Blake Irwin, também aluno-oficial – Blake era baixinho e

entroncado, com a farda perfeitamente ajustada e os cabelos ruivos colocados para trás com uma grande quantidade de gel. Seus olhos eram castanhos e a sua cara cheia de sardas. Ao contrário de Thierry, ele parecia ser extremamente sério.

– Eu sou Aaron Fischer.

– Gent Storegeni! – Os dois veteranos da escola abriram um sorriso

– Kvin Solskjaer! – Kvin falou em um tom neutro.

– E eu sou Aurea Balor. – Ao ouvirem o sobrenome dela, Blake voltou a olhá-la, a avaliando de cima a baixo, enquanto Thierry assoviou zombateiramente e falou:

– Realmente esse ano a coisa está feia. Só tem gente poderosa! Estou começando a acreditar que essa vai ser a prova de maior nível da história.

– Você é filha do General Balor? – Irwin ainda a olhava de forma avaliativa.

– Sim, mas não vejo por que isso seria relevante! – Aurea estava irritada, como sempre ficava quando começavam a falar diferente com ela por causa do seu pai.

Antes que o ruivo pudesse responder, Thierry falou:

– Relaxa, foi só um comentário, não tem pra que esse estresse! – ele deu uma risadinha – agora, vamos ao que interessa: nós partiremos em alguns instantes e vocês terão três horas para se acomodar. Depois, deverão comparecer ao anfiteatro que fica no primeiro andar, onde o coordenador Lynt vai explicar como será o teste de vocês,

as regras e todos os detalhes. Caso vocês não saibam, estamos no terceiro agora, então são dois andares para baixo. Os dormitórios ocupam do quarto ao oitavo andar. O dormitório masculino fica na popa e o feminino na proa, e em todos os andares eles são divididos por uma sala como esta, com diferenças que vão depender da função de cada sala. Essas salas são as áreas comuns e os limites entre os dormitórios, sendo terminantemente proibido ir ao dormitório do sexo oposto. Os outros andares: do primeiro ao terceiro e do nono e décimo são de livre circulação. As refeições serão servidas às 7h, 12h e 18h e é bom não se atrasarem pois senão ficarão sem comer. O refeitório fica no nono andar. Nós chegaremos ao nosso destino ao nascer do sol de depois de amanhã. Para chegarem aos dormitórios de vocês é só irem até aquele corredor do outro lado sala. O feminino fica para a esquerda e o masculino para direita, de lá é só vocês seguirem as plaquinhas nas paredes que vocês vão encontrar algum dormitório. Vocês podem pegar qualquer quarto se eles estiverem vazios ou se quem já estiver neles autorizar.

— Obrigado pelas informações! – Aurea e Gent também agradeceram e os três já começavam a andar em direção ao corredor quando Irwin foi para frente deles:

— Se eu vir qualquer um de vocês quebrando alguma regra ou fazendo baderna, vocês estão perdidos.

— Não deem ouvidos a ele, vão lá! – Thierry fez um gesto como se Irwin fosse louco, sem que o garoto atarracado visse, deixando os garotos seguirem seus caminhos!